



GT- 10 – Informação e Memória

ISSN 2177-3688

A MEMÓRIA COLETIVA E A TEORIA ATOR-REDE: O CASO DO EX-VOTO COMO OBJETO ATUANTE

COLLECTIVE MEMORY AND THE ACTOR-NETWORK THEORY: THE CASE OF THE EX-VOTO AS AN ACTIVE OBJECT

José Cláudio Alves de Oliveira - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente texto, que advém fragmentos de tese de doutorado do mesmo autor, defendida no presente ano em Memória e Linguagem, na Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), trata do ex-voto como objeto da memória coletiva e *medium* que transita em processo de agenciamento, em rede, o que, em nosso entendimento, expande a memória coletiva. *Ex-voto* é o objeto que o crente coloca em salas de milagres, cemitérios ou cruzeiros, em louvor por um bem recebido, e que, portanto, leva informações individuais e coletivas ao público. O trabalho parte de dados coletados em museus e salas de milagres no Chile e no México. Analisamos os ex-votos pictóricos tradicionais e os denominados transgressores, esses últimos muito em evidência no México. O objetivo é apresentar o ex-voto como fonte para a memória coletiva, por ser rico testemunho de histórias locais, regionais e nacionais, além de percebermos do seu desdobramento para cantos que não processam a religiosidade. No curso do texto, alguns exemplos ilustrarão o potencial do ex-voto, visto como *media*. Como base teórica, destacamos as contribuições de Bruno Latour e Maurice Halbwachs, os quais apresentam, respectivamente, os seguintes conceitos-operacionais: redes e agenciamento; memória individual e coletiva.

Palavras-chave: ex-voto; memória coletiva; teoria ator-rede.

Abstract: This text, which comes from fragments of the doctoral thesis by the same author, defended this year in Memory and Language, at the University of Southwest Bahia (UESB), Brazil, deals with the ex-voto as an object of collective memory and a medium that transits in the process of agency, in a network, which, in our understanding, expands the collective memory. Ex-voto is the object that the believer places in miracle rooms, cemeteries or cruises, in praise of a good received, and that, therefore, brings individual and collective information to the public. The work starts from data collected in museums and halls of miracles in Chile and Mexico. We analyzed the traditional pictorial ex-votos and the so-called transgressors, the latter very much in evidence in Mexico. The objective is to present the ex-voto as a source for collective memory, as it is a rich testimony of local, regional and national histories, in addition to realizing its unfolding into songs that do not process religiosity. In the course of the text, some examples will illustrate the potential of the ex-voto, seen as a medium. As a theoretical basis, we highlight the contributions of Bruno Latour and Maurice Halbwachs, who present, respectively, the following operational concepts: networks and agency; individual and collective memory.

Keywords: Ex-voto; collective memory; actor-network theory.

1 A MEMÓRIA COLETIVA

Memória coletiva é um termo amplamente utilizado, mas pouco compreendido no discurso acadêmico contemporâneo. Faz parte desse discurso pelo menos desde a década de 1920, quando o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1887-1945) publicou seus trabalhos em seminários. Desde então, tem sido usado como uma noção vagamente definida, à qual diferentes estudiosos recorrem quando examinam questões que envolvem conflitos mundiais. Mas, raramente, recorre-se à noção de memória coletiva como uma construção que merece atenção por si só.

Dessa forma, ao longo das últimas décadas, a memória coletiva tornou-se um tema de interesse renovado nas ciências humanas e sociais e agora é uma parte fundamental de atividades interdisciplinares emergentes em “estudos de memória”. No entanto, tal tema continua a ser atormentado pelo fato de ter quase tantas definições quanto os pesquisadores que escrevem sobre ele. Talvez a única característica geralmente aceita seja a de que a memória coletiva é uma forma de memória que transcende os indivíduos e é compartilhada por um grupo.

Um dos problemas que surgem quando buscamos definir a memória coletiva é que este não é um tópico que se encaixa perfeitamente dentro dos limites de uma única disciplina acadêmica. O conceito (ou os conceitos) é (ou são) trabalhado(s) por sociólogos, psicólogos, historiadores, literatos, comunicólogos, cientistas da informação e outros, criando uma grande teia interdisciplinar, a qual, conforme veremos a seguir, tem algumas divergências entre si.

As memórias coletivas são memórias compartilhadas por grupos que influenciam suas identidades sociais. Alguns autores trabalham com a metáfora da ampulheta, que fornece uma útil ferramenta para explicar a formação do coletivo perante as recordações sobre o tempo e as interações entre macro, meso e micro níveis. Para tanto, sugerimos três desafios neste caminho que envolve a questão dos ex-votos, objetos dedicados a graças alcançadas, colocados em sala de milagres e que também ganharam outros caminhos não religiosos:

- ✓ as múltiplas abordagens;
- ✓ a função das gerações;
- ✓ a ponte da discussão através de disciplinas.

A memória humana, para Halbwachs (1990, 2004), busca preservar, codificar, transformar e restaurar o vivido, as experiências, e, a partir daí, transmitir conhecimento. Com base nisso, podemos referir e definir as funções psicológicas pelas quais o ser humano pode atualizar impressões ou informações passadas. Da perspectiva das ciências humanas e sociais, a memória é um sujeito de análise aplicada à sociologia, história, antropologia, filosofia e estudos de comunicação e ciência da informação. Esses campos investigam uma “memória à solta”, quando a maioria dos especialistas nesses campos enfatiza que a memória não pode ser uma exatidão e perfeição sobre o reflexo do passado: isto é, restrita ao vestígio ou à evocação. No entanto, as ligações entre memória biológica e social permanecem, não podem ser negadas.

O estudo da memória coletiva reside na interface desses dois mundos, onde os indivíduos e o contexto social em que vivem colidem para o formato de um conjunto de representações, informações e recordações compartilhado por um grupo. Por todo este papel, nós podemos perceber que ambas as perspectivas precisam ser consideradas em conjunto dentro de uma ordem para uma aproximação com a escala de como as recordações que envolvem o coletivo são formadas, transformadas e transmitidas: como seguiremos, como as encontramos e qual seu impacto individual e coletivo.

As memórias não são literalmente preservadas, mas são reconstruídas de acordo com o presente, a partir de certas condições e no contexto social. É a partir dessa premissa que Halbwachs (1990, 2004) desenvolveu o conceito de memória coletiva. O sociólogo francês nega que a memória possa funcionar apenas de forma isolada, e enfatiza, acima de tudo, a influência do social no conteúdo das memórias individuais.

Em *Los marcos sociales de la memoria* (1990), Halbwachs argumenta que, ao longo de uma época, são as crenças, ligadas a experiências coletivas, que formam o significado das memórias individuais e não há outro caminho de volta.

Quando a noção de memória coletiva ressurgiu no final da década de 1970, estava no domínio da história e não da sociologia. Segundo Nora (1993), a memória coletiva é “o que resta do passado nas experiências dos grupos, ou melhor, o que esses grupos fazem com o passado” (NORA, 1993, p. 8). Desde então, a noção se espalhou gradualmente pelas humanidades e ciências sociais.

Oposições conceituais contrastam a *memória coletiva*, como base estática do conhecimento, com a *memória coletiva* que envolve a reconstrução repetida de

representações do passado, um processo, por vezes, bastante controverso. Trata-se, no meio acadêmico, sobretudo na ciência da informação, de posições que discordam da aplicação conceitual proposta por Halbwachs.

A noção de “memória coletiva” apresenta-se como um corpo de conhecimento compartilhado por uma “cultura de indivíduos”. Um foco na *memória coletiva*, em contraste, daria maior ênfase à contestação social e política que faz parte de muitos relatos do passado. Tal contestação está mais próxima de um processo. Um exemplo disso pode ser a dialética interminável entre “cultura oficial” e “cultura vernacular”. Nessa perspectiva, a memória coletiva é mais um espaço de contestação do que um corpo de conhecimento, um espaço no qual grupos locais se engajam em uma luta contínua contra as elites e autoridades para controlar a compreensão do passado.

Os locais de contestação sobre a memória coletiva incluem discussões familiares, museus, monumentos e memoriais, livros didáticos de história e feriados nacionais. Por exemplo, a apresentação de nativos em museus nacionais sofreu uma mudança fundamental à medida que novas perspectivas empoderadas surgiram no que é frequentemente chamado de “política da memória”.

Halbwachs (2004) questiona como os pequenos, o insignificante, o discreto cidadão, administram o peso do passado em sua vida, mas, também, em seu próprio nível, as influências em seu entorno, especialmente perante o processo que traz a influência dos meios de comunicação, pois os indivíduos encontram novas plataformas para combater memórias dominantes transmitidas pelos grandes meios e promovem novas percepções sobre o passado, a exemplo do que alguns meios de comunicação fizeram no Brasil nos meses que antecederam as eleições presidenciais de 2022, tentando minimizar as fake news disseminadas pela extrema direita brasileira que apoiava o posteriormente derrotado presidente Jair Messias Bolsonaro.

Halbwachs, que foi aluno de Bergson (1859-1941), permite que possamos conceber a questão da memória com base em uma perspectiva social, pois propõe que o processo memorialístico não se dá pelo prisma da individualidade, como argumentava seu mestre, mas que, ao lembrar algo, lembranças surgem ancoradas nas memórias dos outros indivíduos que compõem o grupo, independentemente de estarem presentes de forma física ou não. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos

sós”. (HALBWACHS, 2004, p. 30). Para Halbwachs, a memória está presente na coletividade, nos grupos; e a memória individual é uma parte desse conjunto, que ajuda a alimentá-la.

2 A ANT - Actor-network theory

Bruno Latour, sociólogo, antropólogo e filósofo francês, considerado um dos maiores intelectuais contemporâneos, morreu recentemente em Paris, aos 75 anos. Latour foi professor titular do *Instituto de Estudos Políticos de Paris* e da *London School of Economics and Political Science*. Ele foi um dos fundadores dos chamados Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT). Sua principal contribuição teórica – ao lado de outros autores, como Michel Callon e John Law –, foi o desenvolvimento da Actor Network Theory - ANT (Teoria ator-rede), segundo a qual, ao analisar a atividade científica, considera que tanto os atores humanos como os não humanos, estes últimos devido à sua vinculação ao princípio da simetria generalizada, se desenvolvem em sociedade (MUNIESA, 2015).

Sobre a teoria *ator-rede*, Bruno Latour revela em sua tese que explorar as propriedades da teoria ator-rede foi tarefa que o grupo parisiense de estudos de ciência e tecnologia se propôs a enfrentar desde o início da década de 1980. Grupo esse formado por Latour, Michel Callon e John Law. No entanto, esta teoria tem sido muitas vezes mal compreendida e, portanto, muito mal interpretada em estudos pouco aprofundados, sobretudo nos campos da sociologia e da cibercultura.

A nossa análise coaduna, principalmente, com a obra mais conhecida do referido autor, a qual apresenta o principal marco da sua teoria, *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Essa obra é vista como uma grande contribuição, pois propõe novas perspectivas para se compreender os sujeitos, seus grupos e redes. Para Latour, “de certo modo, este livro lembra um guia de viagem por um terreno ao mesmo tempo inteiramente banal – o mundo social a que estamos acostumados – e completamente exótico: precisamos aprender como ir mais devagar a cada passo” (LATOURE, 2012, p. 38).

Na primeira parte do livro, Latour analisa a etimologia da palavra “social”. Além disso, defende que uma sociedade mutável funciona dessa forma justamente por ser constituída por diferentes indivíduos e, portanto, o termo “social” não deve estar vinculado a uma definição fixa. Para o autor, a forma como o “social” é trabalhado, principalmente pelos sociólogos, transmite a falsa noção de que um determinado fenômeno pode ser explicado em sua totalidade. Essa tese parece ser falsa, ainda segundo o referido autor porque não

considera a complexidade do fenômeno social, que vai além de uma análise rasa, ou seja, realizada fora do eixo científico e, portanto, simples, feita por pesquisadores tradicionais, vinculados a uma Sociologia Positivista.

Latour (2012) denomina a sociologia padrão de “sociologia do social” e a sociologia crítica de “sociologia de associações” ou “associologia”. Percebe-se que a intenção do autor é a *reagregação* do conceito “social” na sociologia, propondo um “novo caminho” por onde os fenômenos sociais poderiam ser mais bem entendidos e associados a uma necessidade multifacetada do mundo. Assim, ele propõe a “Teoria do Ator-Rede” – originalmente nomeada como *Actor-Network Theory* (ANT).

2.1 Aproximação com a memória

O nosso interesse principal é nos concentrarmos numa *memória* e *objeto atuantes* perante a ANT, desobrigando-nos de ter uma análise que reduza o objeto a coisa, mas sim mostrar o ator como essencialmente intencionalista. O ator plasmado pela própria rede, que não necessita ficar tripartindo ou “repartindo” o ex-voto, mas que, perante as mútuas práticas, se solidariza em um processo de recodificação contínuo. O ator, na verdade, é a rede do ex-voto, um *objeto atuante* em uma relação que, hoje, se constitui entre tradição, religião, comunicação e ciberespaço. Isso porque o propósito de Latour (2012), em sua principal teoria, é “mostrar por que o social não pode ser construído como uma espécie de material ou domínio e assumir a tarefa de fornecer uma ‘explicação social’ de algum outro estado de coisas” (LATOURE, 2012, p. 17-18).

Como primeira aproximação, a ANT afirma que as sociedades modernas não podem ser descritas sem reconhecê-las como tendo uma estrutura fibrosa, caráter filiforme, emaranhado, capilar, que nunca é capturado pelas noções de níveis, camadas, territórios, esferas, categorias, estrutura, sistemas. A ANT foi desenvolvida por estudantes de ciência e tecnologia e sua alegação é que é totalmente impossível entender o que mantém a sociedade unida sem reinjetar em seu tecido os fatos fabricados pelas ciências naturais e sociais e os artefatos projetados por engenheiros.

Como uma segunda aproximação, a ANT é, portanto, a afirmação de que a única maneira de conseguir essa reinjeção das coisas em nossa compreensão dos tecidos sociais é por meio de uma ontologia e de uma teoria social do tipo rede. Para permanecer neste nível muito intuitivo, a ANT é um simples argumento de resistência material. A força não vem da

concentração, da pureza e da unidade, mas da disseminação, da heterogeneidade e do entrelaçamento cuidadoso dos laços fracos.

Essa sensação de que a resistência, a obstinação e a robustez são mais facilmente alcançadas através de redes, de laços, tecelagens, torções, de laços que são fracos por si mesmos, e que cada laço, por mais forte que seja, é tecido de fios ainda mais fracos, permeia, e. g., a análise dos micropoderes elaborados pelo teórico Michel Foucault (1926-1984), bem como de uma recente sociologia da tecnologia trazida por Pierre Lévy (1999), Nicholas Negroponte (1996) e Paul Virilio (1999).

Universalidade ou ordem não são a regra, mas as exceções que devem ser consideradas. Logo, contingências ou aglomerados são mais como arquipélagos em um mar do que como lagos pontilhando uma terra firme. Menos metaforicamente, enquanto os universalistas têm de preencher toda a superfície com ordem ou com contingências, a *ANT* não tenta preencher o que está entre os bolsões locais de ordens ou entre os filamentos que relacionam essas contingências. Este é o aspecto mais contraintuitivo da *ANT*. Literalmente, não há nada além de redes, não há nada entre elas. Nesse sentido, a *ANT* é uma teoria vinculada a certo relativismo, mas, como procuraremos mostrar, este é o primeiro passo necessário para uma ontologia irreducionista e relacional, principalmente quando acoplarmos a *ANT* às análises dos ex-votos não mais plantados na sua principal perspectiva, a religião.

Em vez de ter que escolher entre a visão local e a visão global, a noção de rede possibilita-nos pensar em uma entidade global – altamente conectada – que permanece, no entanto, continuamente local, o que admite uma aproximação com a memória coletiva de Halbwachs (1990) e também permite estabelecer uma relação com a noção do *sujeito tático* de Certeau (1982), pois, em vez de opor o nível individual à massa, ou a agência à estrutura, simplesmente acompanhamos como determinado elemento se torna estratégico pelo número de conexões que comanda e como perde importância ao perder suas conexões. Uma rede é toda uma fronteira sem o dentro e o fora. A única pergunta que se pode fazer é se existe ou não uma conexão entre dois elementos. A superfície “entre” as redes está conectada – mas então a rede está se expandindo – ou não existe. Literalmente, uma rede não possui uma parte de fora. Não é um primeiro plano sobre um fundo, nem uma rachadura sobre um solo sólido, é como o para-raios, que cria ao mesmo tempo o fundo e o primeiro plano (DELEUZE; GUATTARI, 1972).

A noção de rede, em seu esboço topológico mais simples, já nos permite reorganizar as metáforas espaciais que tornaram tão difícil o estudo da sociedade-natureza: perto e longe, para cima e para baixo, local e global, dentro e fora. Eles são substituídos por associações e conexões (que a *ANT* não precisa qualificar como sociais, naturais ou técnicas, como mostraremos adiante). Isso não quer dizer que não haja nada como a sociedade “macro”, ou a natureza “fora”, como defendem aqueles que frequentemente acusam, mas que para obter os efeitos de distância, proximidade, hierarquias, conectividade, exterioridade e superfícies, um enorme trabalho suplementar tem de ser feito (LATOUR, 2012).

Um “ator” na *ANT* é uma definição semiótica – um *actante* –, isto é, algo que age ou ao qual a atividade é concedida por outros. Não implica motivação especial dos atores humanos individuais, nem dos humanos em geral. Um *actante* pode ser literalmente qualquer coisa, desde que seja a fonte de uma ação. Embora esse ponto tenha sido reiterado, o antropocentrismo e o sociocentrismo são tão fortes nas ciências sociais (bem como nas críticas às explicações sociais) que cada uso da *ANT* tem sido interpretado como se falasse de alguns super-humanos ansiando por até mesmo o próprio estudo de rede de Pasteur (LATOUR, 2012).

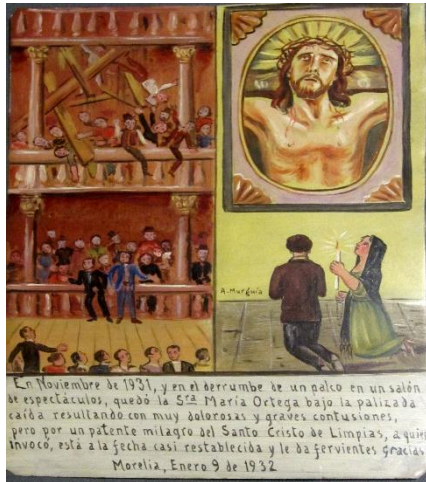
2.2 O ex-voto e a *ANT*

Não somos os primeiros a examinar a interação entre os diferentes níveis de memória, tratando das questões dos ex-votos e de seus reflexos na família, no trabalho, na saúde, na educação. Dentre aqueles que fizeram trabalhos aproximadores, embora voltados à história, estão os estudos de Michel Vovelle (1987), na França, e Luque Agraz (2012), no México, o que nos permite sugerir uma abordagem intercalada para estudar a memória, que leva à experiência como um ponto inicial, antes da análise diacrônica.

Como podemos avaliar os “efeitos” e “efeitos posteriores” de um evento importante para uma comunidade? Como podemos medir a transformação das representações ex-votivas? Como podemos detectar processos emocionais e comunicacionais ex-votivos que circundam a memória coletiva? Essas questões sublinham a necessidade de trabalhar interdisciplinarmente, para que a memória coletiva possa ser estudada sob vários ângulos, pois, desde a década de 1950, diferentes tipologias e suportes ex-votivos, como também

representações ex-votivas, se modificaram e se destacaram principalmente em suas novas e transgressoras abordagens. (Figuras 1 e 2)

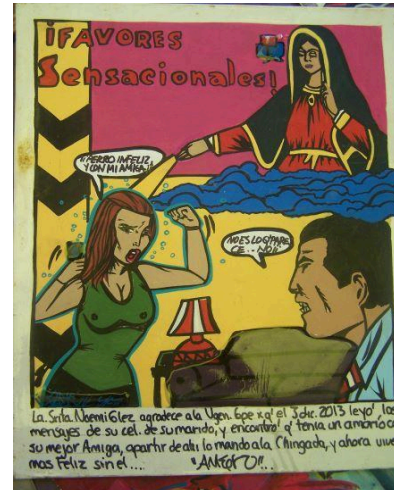
Figura 1



“Em Noviembre de 1931, y en el derrumbe de un palco en un salón de espectáculos, quedó la Sra. María Ortega bajo la palizada caída resultando con muy dolorosas y graves contusiones, pero por un patente milagro del Santo Cristo de Limpías, a quien invocó, está a la fecha casi restablecida y le da fervientes gracias. Morelia, Enero 9 de 1932

Ex-voto mexicano de 1932
Fonte: Museo de Arte Popular Americano
Tomás Lago, Chile.

Figura 2

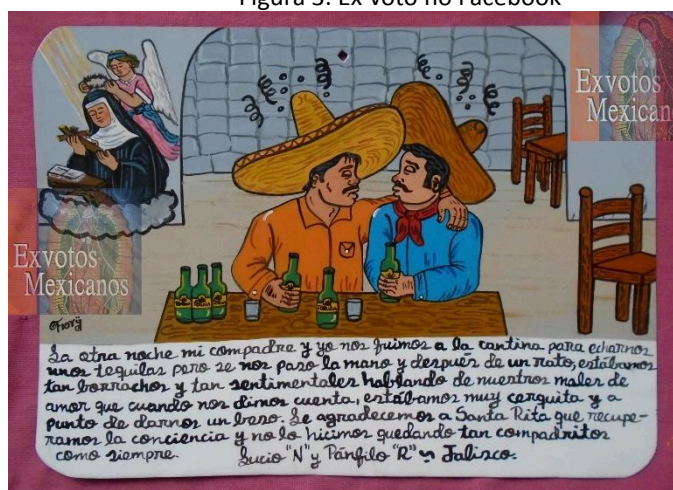


La. Srita. Naomi Glez agradece a la Vgen. Gpe xq' el 3 dec. 2013 leyo' los mensajes de su cel. De su marido, y encontro' q' tenia un [...] con su mejor Amiga, apartir de ahí lo mando al Chingada, y ahora vive mas Feliz sin el...

Ex-voto mexicano em 2013 de autoria de Donovan.
Arquivo: Caroline Perre.

A transformação ex-votiva, das suas tipologias à sua transgressão e a sua imersão no ciberespaço, está no tempo cronológico e nas possibilidades contemporâneas em assumir lugares, falas e assuntos que há muito tempo eram reprimidos. (Figuras 3 e 4) E essa transformação, ligada à representação, reside numa rede (LATOOUR, 2012) que nos possibilita ver o ex-voto tradicional ou o “recondicionado” em lugares não sânticos. Lugares representativos da arte, da expografia, da moda e do ciberespaço. Uma rede que nos traz mais clareza em relação à expansão dos ex-votos por outros sentidos, a partir deles, na manutenção da memória sobre o que é o ex-voto.

Figura 3. Ex-voto no Facebook



EXVOTO DEDICADO A SANTA RITA A LA VENTA

La otra noche mi compadre y yo nos fuimos a la cantina para echarnos unos tequilas pero se nos paso la mano y después de un rato, estábamos tan borrachos y tan sentimentales hablando de nuestros males de amor que cuando nos dimos cuenta, estábamos muy cerquita y a punto de darnos un beso. Le agradecemos a Santa Rita que recuperamos la conciencia y no lo hicimos quedando tan compadritos como siempre. Lucio "N" y Pánfilo "R" Jalisco.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/ExvotosMexicanos/posts/pfbid0koqbD6NQWCaXTT3TwyTjc85BcrxHiUce36uiWhfZLkR4F4ksgiihtRXXsgGM8Zl>

Figura 4. Ex-voto no Instagram



A San Judas Tadeo le agradezco que me hizo abrir los ojos para darme cuenta que mi marido me engañaba con la comadre Tencha "Concha Amezcua"

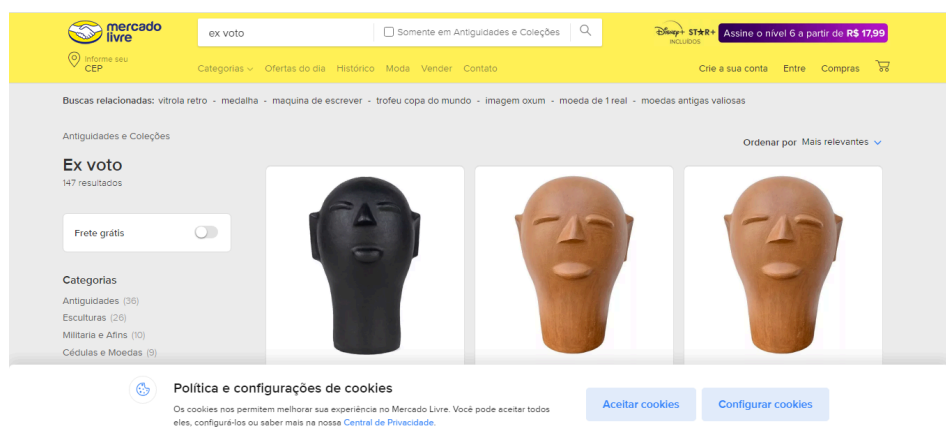
Disponível em: <https://www.instagram.com/exvotosmodernous/>

Quando falamos da *tradição*, implicamos o ex-voto que vem de um período anterior ao cristianismo e que se perpetua em várias religiões até os dias atuais, de forma diversa. Aqui, a diversidade do ex-voto está voltada à sua tipologia, o que faz a tradição ainda mais

latente, devido a renovações nos formatos dos objetos que testemunham acontecimentos milagrosos ou simplesmente o agradecimento por uma conquista.

Do ponto de vista da folkcomunicação, o próprio objeto ex-votivo funciona em diversos *medium*, compartilhando histórias, discursos, mensagens e informações individuais e coletivas, o que ocorre em cruzeiros, salas de milagres, museus e cemitérios. Porém, quando o objeto funciona de forma mais atuante, vemos a venda do ex-voto, agora numa significação estética, pois o valor da obra repercute em sua estética, e, a partir dessa repercussão surge a possibilidade do testemunho, o que se materializa tanto na arte em si quanto, por exemplo, na decoração de uma sala. Nesse caso, fazemos referência tanto às feiras e galerias físicas, no México, quanto às vendas de ex-votos em grandes portais na web, como Mercado Livre e Apps Android e iOS.

Figura 5 – Ex-voto à venda no Mercado Livre



Disponível em: [https://lista.mercadolivre.com.br/ex-voto#D\[A:ex-voto\]](https://lista.mercadolivre.com.br/ex-voto#D[A:ex-voto])

Acesso em 25 de junho de 2023

Do ponto de vista do ciberespaço, podemos falar das desobrigas nos santuários digitais, como também – e além das vendas dos ex-votos nos portais (v. Figura 5) – dos ex-votos que trazem protestos sociais de vários cunhos e que estão postados em Facebook e Instagram. Eles possuem, também, ares transgressores, por apontar causas que se desvirtuam da liturgia religiosa (católica) e que se relacionam com temáticas dos dias atuais. Além disso, muitos são *nato digitais*, ou seja, são ex-votos que nasceram em formato digital, tal como um documento produzido no Microsoft Word, ou por uma câmera digital e tantos outros que nascem no formato digital.

São nesses caminhos que lidamos com uma *memória atuante*, que circula entre a fé e o mercado, entre os santuários e a feira, entre os portais de vendas no ciberespaço e as Redes Sociais. Atuante diante de uma performance, num movimento que gera efeitos não

mais locais, mas extensivos, e que, a partir das diversas formas que assume, ganha proporções multe e hiper dimensionais.

Empregar a palavra “ator” significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar. Interpretar coloca-nos imediatamente num tremendo *imbróglio*, onde o problema de quem está desempenhando a ação é insolúvel. (LATOURE, 2012, p. 75, grifo do autor)

Nessa direção, quando Latour (2012) reflete sobre os objetos e suas participações no curso da ação, o teórico da *ANT* informa que a ação social “não apenas é assumida por estranhos como se transfere ou é delegada a diferentes tipos de atores capazes de levá-la adiante graças a outros modos de agir, a outros tipos de força” (LATOURE, 2012, p. 107). Isso retrata, para o teórico francês, as atividades básicas, humildes, prosaicas e corriqueiras que os objetos compõem na sociedade. Tais atividades, além de compor o processo da *ANT*, ampliam e diversificam o fazer das coisas, dos atos e das possibilidades em todos os cantos da cultura, e é nesse propósito que vemos os saltos que o ex-voto proporciona: do tradicional ao transgressor, do tradicional à decoração, do seu uso cotidiano a uma sala de milagres, e dela a um museu. Além desses saltos, há muitos outros, em diversas esferas que multiplicam o objeto. Nesse sentido, podemos vislumbrar os “agentes”, que levam em conta o comportamento de outros e por eles se orientam a fim de orientar possibilidade em seu próprio curso ou em diversos outros cursos.

Ainda seguindo o pensamento de Latour (2012), notamos que os objetos agem em ações dependendo deles e de outras partes. Eles são complementos para quase que infinitas ações ou atos humanos. No caso dos ex-votos, por serem conectáveis às ações humanas, eles: expressam relações de poder; simbolizam hierarquias sociais; agravam desigualdades sociais; transportam o poder social; objetivam a igualdade; e materializam relações de gênero (LATOURE, 2012, p. 110).

O poder dos ex-votos, quando falamos da *ANT*, reside não apenas na própria demonstração/testemunho do milagre ocorrido, mas também nas diferenciações dos suportes das informações, dos formatos trazido às salas de milagres, da “ostentação” pelos graus de formatura – incluindo o tipo de profissão – ou diploma de cargos elevados, ao material que se coloca nas salas e museus: *milagritos* de ouro, prata em detrimento aos de latão. E podemos até pensar nos *retablos*: quando eles são produzidos a baixo custo por um *retablero* pouco conhecido, e, por outro lado, quando o *retablo*, colocado em uma sala de milagres, advém de um Vilchis, de algum famoso pintor de ex-votos.

No quesito *hierarquias sociais*, as informações ex-votivas, em seus diversos suportes, tipos e formatos, permitem distinções de classes no espaço democrático da sala de milagres, mas que, por mais uma atuação, dobram esse quesito. Diplomas de ministros, reitores, prefeitos, deputados, coronéis, que passam por uma sala de milagres, acabam indo para o museu da igreja ou do santuário. Já os diplomas escolares permanecem na sala de milagres até serem queimados por descarte. E entre esses diplomas, a hierarquia do objeto continua: diplomas escolares do fundamental e diplomas universitários; diplomas de mestrado e diplomas de doutorado.

As próprias hierarquias, demonstradas pelos ex-votos, nos seus graus ou postos na sociedade, mostram a *desigualdade social*. Mas outros objetos ex-votivos são capazes de divulgar tal desigualdade: cartas e bilhetes que relatam o fim da fome que se passou em uma família; a conquista de um simples primeiro emprego; a demonstração – por fotos, pinturas, desenhos ou cartas – da cura de uma doença ou acidente, após o(a) enfermo(a) ficar em um hospital público de poucos recursos; a soltura da cadeia, após a justiça decretar que não havia crime como fora imputado.

Para entender bem a ANT, tenha-se em mente que ela não pressupõe uma “reconciliação” da famosa dicotomia objeto/sujeito. Distinguir vínculos “materiais” e “sociais” a priori, antes de religá-los, faz tanto sentido quanto captar a dinâmica de uma batalha imaginando um pelotão de soldados e oficiais completamente nus, de posse de uma tremenda parafernália – tanques, fuzis, mapas e uniformes – e alegando que, “sem dúvida, existe uma relação (dialética) entre as duas coisas”. A resposta seria um sonoro “não”. Não há relação alguma entre o “mundo material” e o “mundo social” justamente porque essa divisão é um completo artefato” (LATOUR, 2012, p. 113).

A afirmativa de Latour, *opus citatum*, e em complemento com o que ele defende quando trata do “objeto” em sociedade e nas interconexões, revela a “vida” de cada um: do objeto e do humano. Eles são diferentes, principalmente no quesito material/imaterial. Mas há uma sociedade, e nela os usos, as conectividades, as atividades, onde cada qual passa a ser um ator, e ainda mais, cada um, ou até mesmo juntos, cria um ator, revela-se nas suas múltiplas possibilidades e faces, digamos, uma multimodalidade. Em relação ao objeto em questão, o ex-voto, seja ele no formato de uma chave de casa, de uma moeda, uma mecha de cabelo, um dente, desenhos, cartas, pinturas, não mais será aquilo que demonstrara ser em uma particularidade da vida social. Passa a ser, agora, na sala de milagres, testemunho da casa que conquistou, da saúde recobrada, da dor de dente que não mais existe, da caligrafia

que delinea uma história de conquistas e de felicidades, de uma ação imagética que, pela estética, apresenta uma salvação.

E na confluência do ex-voto na *ANT*, estará o seu desdobramento no descarte da sala de milagres ou no “escoamento” de objetos ex-votivos aos museus. Ela terá o reaproveitamento material para feitura de velas a partir do ex-votos de parafina; de latas, daqueles industrializados; de perucas, a partir das mechas de cabelo; dos ortopédicos e cadeiras de rodas, que são aproveitados por instituições que cuidam de pessoas com alguma dificuldade motora; será objeto científico da exposição e sistema de documentação dos museus. Ou terá o seu fim, como cartas, bilhetes e fotografias dos atores mais comuns da sociedade: o lixo ou a incineração.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa processo do agenciamento ao ex-voto, encontramos o que podemos denominar de *memória atuante*. E, nela, temos o “encontro” de dois grandes teóricos: Latour (2012) e Halbwachs (1990 e 2004). Tal qual o *objeto atuante*, o ex-voto será reconhecido – daí também a sua importância enquanto estereótipo – nos lugares onde atua até mesmo fora do eixo “dos milagres”. Estampas das camisas, nos museus enquanto objeto musealizado e exposto com outro propósito ao público ou restrito à visita, numa reserva técnica e no sistema de documentação; nas redes sociais da Internet como objeto que trata do humor e o protesto social.

Nesse reconhecimento e no seu agenciamento, podemos perceber o desempenho do seu papel nos variados processos históricos que não são restritos à religião. O ex-voto, portanto, estará dando vitalidade a outros objetos culturais e, ao mesmo tempo, colocando-se em um lugar (ou diversos lugares) em que o seu reconhecimento sublinhará momentos históricos significativos, preservando, assim, o valor como origem para os grupos sociais, o que significa, por assim dizer, a perpetuação e fortificação da memória coletiva, agora cada vez mais expansiva, consolidada em uma amplitude, e com o seu reconhecimento e fixação imagética, digamos, no “não-lugar”, cunhando aqui um termo trabalhado pelo teórico francês Marc Augé (1994).

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papyrus, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Anti-Edipe**. Paris: Éditions du minuit, 1972.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Concepción, Caracas: UCV, 2004.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EdUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1999

LUQUE AGRAZ, Elin. **Análisis de la evolución de los exvotos pictóricos como documentos visuales para describir "la otra Historia" de México**. 2012. Tesis doctoral. UNED. México.

MUNIESA, Fabian. Actor-Network Theory. In **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences** (Second Edition), 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9780080970868850011>. Acesso em 11 de outubro de 2022

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1996. 265 p.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: Departamento de História, PUC-SP. Proj. História. 1993

PERRÉE, Caroline. **L'ex-voto peint: la société mexicaine en mots et en couleurs**. México, CEMCA, 2013.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real**. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução de Maria Júlia Goldwesser. São Paulo: Brasiliense, 1987.